

Teatro - Temporada italiana

"Antonello Capobrigante"

Não conhecemos de "Antonello capobrigante calabrese" senão os dados fornecidos pelo programa do Teatro Estável de Turim e pela versão moderna de Ghigo De Chiara. Um e outro, no entanto, se não nos enganamos, bastam para dar uma idéia aproximada do que deve ser o original de Vincenzo Padula, escrito por volta de 1850: quanto ao conteúdo, uma mistura de religiosidade e liberalismo político, ambos porventura difusos, revelando antes um temperamento generoso do que propriamente um pensador; quanto á forma, o velho dramalhão histórico pós-romântico.

O problema, portanto, para o adaptador e para o encenador, era encontrar nesse texto, afinal de segunda ordem, não pertencente ao melhor teatro, aquele núcleo de verdade histórica e sinceridade artística que lhe deu origem. Padula, não sendo um grande artista, não inventou a sua própria forma. Valeu-se do vocabulário teatral da época. Mas isto não significa que a sua inspiração popular não seja autêntica e que a sua pregação política não se mostre capaz de lançar ainda algumas centelhas iluminadoras sobre o mundo moderno. Em outros termos: seria possível tirar um espetáculo moderno deste texto já coberto de poeira?

A resposta foi-nos dada anteontem no Teatro Municipal. Começando pelo fim, para atalhar a curiosidade do leitor, diremos logo que ela nos pareceu, se não apaixonante, ao menos perfeitamente satisfatória.

O primeiro elemento de interesse da peça, a nosso ver, talvez seja precisamente aquele mais desprezado nos dias atuais. "Antonello" conta uma história. Não um caso curioso, um incidente revelador, mas uma verdadeira e longa história, como as que ouviamos e liamos em criança, com raptos e assassinios, bandoleiros e cavernas, patriotas e celerosos, choças humildes e festins suntuosos, pobres que se arrependem na hora da vingança e ricos que pagam com a vida as vilanias cometidas. Se os leitores que não estiverem presentes ao espetáculo começam a sorrir, é bom que se desiludam: não há sombra de ironia, seja na versão de Ghigo De Chiara, seja na encenação de Gianfranco De Bosio, mas somente esse prazer de narrar, de desdobrar sem pejo um enredo grandiloquente, já quase esquecido pelo teatro moderno.

O segundo motivo de atração, para nós, é, portanto, puramente teatral: o de acompanhar os artistas em suas perigosas excursões pelo anacronismo, temendo que haja um lapso de gosto, um episódio ridículo, uma pose insuportável, que faça ruir todo o edifício, sem que jamais isso aconteça. Nenhum efeito melodramático é escamoteado; mas a sua representação é sempre tão digna, tão sobria, tão honesta no seu desejo de agarrar o touro pelos chifres, tão destituída de condescendência, que nunca nos ocorre criticar. Ao contrário, surpreendemo-nos por estar levando a sério, por estar participando do suposto drama-

lão. Donde se conclui que ele ainda esconde, bem no seu íntimo, sepultado por dezenas de lugares-comuns fabricados por centenas de peças, um resto de sua primitiva vitalidade. Vincenzo Padula, abade e patriota liberal, não está tão morto como poderíamos pensar. Apesar das diferenças históricas, não temos dificuldades em chegar ao amago do seu coração. O que pulsa nele, sob as roupagens da época, é um amor genuíno pelos pobres, o desejo de incorporar todas as classes na comunidade social, o que o leva a ver no banditismo calabrés um corolário da desigualdade social. Não há homem justo numa sociedade injusta. Essa verdade que, desde os gregos, vem empurrando, ou tentando empurrar, a história para a frente, é a base do pensamento político de "Antonello". Se não chega a constituir novidade, também não se diga que seja uma idéia retardataria, sobretudo se atentarmos para a data em que foi expressa dramaticamente. A forma da peça é sem dúvida romântica, com o embelezamento do rebelde, do fora-da-lei, a quem é emprestado um cunho idealista que ele, histórica e socialmente, não poderia possuir; mas o seu espírito, em muitos pontos, já é moderno. Escapa às vezes, a esse dramalhão, observações sociais que nos fazem pensar, lançando um curioso reflexo sobre problemas atuais — e aqui está a terceira razão que nos prende ao espetáculo.

O intuito da adaptação de Ghigo De Chiara parece ter sido duplo: facilitar a passagem de cena entre um quadro e outro, e criticar a ação através de canções e comentários dirigidos diretamente ao público, à maneira de Brecht. Se nada temos a objetar ao primeiro, não diremos o mesmo quanto ao segundo. O recurso ao teatro épico, com efeito, começa a nos cansar nos espetáculos do Teatro Estável de Turim porque é empregado sempre como um simples expediente e não como uma solução total. Os textos não são liberados da sua carga emocional, não são repensados economicamente, como desejava Brecht. Apenas, quando surge uma dificuldade de expressão cênica, lança-se mão de soluções didáticas. Bertoldo? Não: Bertoldo e Brecht (sem trocadilho). Antonello? Não: Antonello e Brecht. Cresse-se que é um pouco simples como remédio para todas as dificuldades do teatro popular.

Quanto à representação, em si, não teríamos senão aplausos a distribuir, se esta crônica já não se tivesse alongado. Renzo Giovampietro, como "Antonello", reafirma com segurança impressionante a sua versatilidade, bem coadjuvado por Paola Borboni, tão diversa de como aparece em "Volte di donna", cheia do antigo vigor do teatro italiano, Filippo Scelzo, bem melhor nos seus dois papéis do que das vezes anteriores, Giulio Oppi, Franco Parenti, Edda Albertini e Pietro Buttarelli. Mas os elogios maiores devem ir indiscutivelmente aos cenários de Mischa Scandella e à direção de Gianfranco de Bosio, que conseguem unificar totalmente o espetáculo, dando-lhe perfeita coerência dramática.